Recebido em: **6/8/2009** Emitido parecer em: **14/9/2009** **Artigo original**

MOTIVAÇÃO NO FUTEBOL DE CAMPO

Franz Fischer[1]; Mauro Klebis Schiavon; Marcelo Callegari Zanetti e Afonso Antonio Machado

RESUMO

A motivação reflete um dos mais importantes atributos relacionados à vida e ao esporte. Sem este aspecto não conseguiríamos definir, dirigir e persistir em nossas ações, o que nos tornaria seres letárgicos. No esporte, a motivação é uma das principais responsáveis pelo empreendimento de ações que podem refletir na aprendizagem e no aperfeiçoamento de habilidades, bem como, melhora na saúde, estética, entre outras. Buscando atender nossos objetivos, investigamos por meio de um questionário estruturado, composto por 19 questões fechadas, 59 atletas (28 do sexo masculino e 31 do feminino), entre os dias 30 de junho e 09 de agosto de 2009, das equipes de futebol de campo de Rio Claro, participantes dos Jogos Regionais de Atibaia. Como resultado, verificamos que os atletas eram mais motivados para: vencer, manter a saúde, por gostar, manter o corpo em forma, ter bom aspecto, divertir-se, desenvolver habilidades e fazer novos amigos. Tal constatação nos mostra o valor dado por estes indivíduos à competência esportiva, que se apoiam no sonho de fazer fama e dinheiro como atletas profissionais.

Palavras chave: Motivação, esporte, adolescentes.

ABSTRACT

The motivation reflects one of the most important attributes related to the life and the sport. Without this aspect we would not obtain to define, to direct and to persist in our actions, what in them it would become lethargic beings. In the sport, the motivation is one of main responsible ones for the enterprise of action that can reflect in the learning and in the perfectioning of abilities, as well as, it improves in the health, esthetic, among others. Searching to take care of our objectives, we investigate by means of a structuralized, composed questionnaire for 19 closed questions, 59 athletes (28 of masculine sex and 31 of the feminine one), during days 30 of June and 09 of August of 2009, of the teams of soccer field of Rio Claro, participants of the Regional Games of Atibaia. As result, we verify that the athletes more were motivated: to win, to keep the health, for liking, keeping the body in form, to have good aspect, to have fun themselves, to develop abilities and to make new friends. Such result in the sample the value given for these individuals to the competition ability, that it in the dream to make fame and money as professional athletes.

Key words: Motivation, sport, adolescents.

REVISÃO DE LITERATURA

Embora não se tenha muita certeza sobre os primórdios do futebol, historiadores descobriram vestígios dos jogos de bola em várias culturas antigas. Estes jogos de bola ainda não eram o futebol, pois não havia a definição de regras como há hoje, porém demonstram o interesse do homem por este tipo de esporte desde os tempos antigos.

Existem vestígios de esporte parecidos com o futebol na China Antiga, no Japão Antigo, Grécia e Roma. Na Idade Média, há relatos de um esporte muito parecido com o futebol, embora se usasse muito a violência. Na Itália Medieval apareceu um jogo denominado *gioco del calcio*, era praticado em praças e os 27 jogadores de cada equipe deveriam levar a bola até os dois postes que ficavam nos dois cantos extremos da praça. A violência era muito comum, pois os participantes levavam para campo seus problemas causados, principalmente por questões sociais típicas da época medieval. O barulho, a desorganização e a violência eram tão grandes que o rei Eduardo II teve que decretar uma lei proibindo a prática do jogo, condenando a prisão os praticantes. Porém, o jogo não terminou, pois integrantes da

nobreza criaram uma nova versão dele com regras que não permitiam a violência. Nesta nova versão, cerca de doze juízes deveriam fazer cumprir as regras do jogo.

Pesquisadores concluíram que o *gioco del calcio* saiu da Itália e chegou na Inglaterra por volta do século XVII, ganhando regras diferentes e sendo organizado e sistematizado. O campo deveria medir 120 por 180 metros e nas duas pontas seriam instalados dois arcos retangulares chamados de gol. A bola era de couro e enchida com ar. Com regras claras e objetivas, o futebol começou a ser praticado por estudantes e filhos da nobreza inglesa. Aos poucos foi se popularizando e iniciaram a criação de mais regras. O profissionalismo no futebol foi iniciado somente em 1885 e no ano seguinte seria criada, na Inglaterra, a International Board, entidade cujo objetivo principal era estabelecer e mudar as regras do futebol quando necessário.

No ano de 1897, uma equipe de futebol inglesa chamada Corinthians fez uma excursão fora da Europa, contribuindo para difundir o futebol em diversas partes do mundo. Em 1888, foi fundada a Football League com o objetivo de organizar torneios e campeonatos internacionais. No ano de 1904, foi criada a FIFA (Federação Internacional de Futebol Association) que organiza até hoje o futebol em todo mundo.

Há diferentes versões do inicio da prática do futebol no Brasil. Segundo alguns autores, existem indícios de que o jogo foi introduzido, já na década de 1870, por padres e alunos do colégio São Luís em Itu, interior de São Paulo, por marinheiros britânicos em cidades portuárias brasileiras, em especial no Rio de Janeiro, e por funcionários de companhias inglesas. A versão oficialmente aceita diz que a prática organizada (com bola oficial, uniforme e livro de regras) só se daria em 1894.

Muitos autores apontam como fundador do futebol no Brasil Charles Miller – filho brasileiro do cônsul britânico em São Paulo, que durante o período de estudos em Southampton teve oportunidade de defender o time do condado – começou a ensinar a novidade para um círculo seleto de pessoas, a maioria ingleses (altos funcionários de empresas britânicas) membros do São Paulo Athletic Club. A primeira equipe predominantemente brasileira foi formada na Universidade Mackenzie, em 1898, por jovens das camadas superiores.

O futebol, mais do que um simples "jogo" novo, estava na lista das coisas moderníssimas. Segundo Damatta (1994) era um "esporte" destinado a redimir e modernizar o corpo pelo exercício físico e pela competição, dando-lhe a higidez necessária a sua sobrevivência num admirável mundo novo – esse universo governado pelo mercado, pelo individualismo e pela industrialização.

Observa-se que, assim como em muitos países da Europa, inicialmente foi o modelo amador e elitizado que se implantou no Brasil. Na primeira década do século, seguindo os passos do que acontecia na Europa (e também na Argentina, Uruguai e Chile), o futebol começou a ganhar uma feição mais organizada, com competições amadoras promovida pela primeira liga de futebol (fundada por São Paulo Athletic, Sport Club Germânia, Club Athletic Paulistano e Sport Club Internacional).

MOTIVAÇÃO

Para Machado (2006) a motivação é responsável pelo início e manutenção de toda atividade executada pelo ser humano. Já para Isler (2003), a personalidade e o ambiente são interdependentes na determinação de um grau maior ou menor de motivação para cada tarefa específica. Sendo assim, este mesmo autor, classifica a motivação em dois tipos, a motivação intrínseca e extrínseca. A primeira é definida como a motivação para realizar uma atividade por sua própria vontade e está ligada à atividade em si, o impulso é mobilizado por fatores internos, chamamos esses fatores de vontade, desejo, e determinação. Esses fatores podem muitas vezes contrastar com situações adversas que dificultariam o cumprimento da atividade.

Já para Cruz (1996), nas recompensas extrínsecas, a motivação do indivíduo está relacionada a fatores externos, providos de outras pessoas e do ambiente, sob a forma de reforços positivos ou negativos. Entretanto, a motivação pode estar relacionada com fatores internos, que afloram do próprio interior do sujeito, ou seja, por razões intrínsecas. Porém, apenas o conhecimento desta classificação básica não nos fornece subsídios suficientes para uma discussão mais aprofundada sobre o assunto, tornando assim, necessária uma análise das teorias relacionadas à motivação.

Por outro lado, a motivação extrínseca está ligada aos fatores externos, como dinheiro, fama, medalhas, troféus, elogios, que motivem o comportamento e que interferem e/ou determinam a conduta do indivíduo.

Segundo Weinberg e Gould (2001), a motivação é um conceito que deve ser utilizado para compreender o complexo processo que coordena e dirige a direção e a intensidade de esforço dos seres humanos, o que torna, fundamental que técnicos e dirigentes esportivos reconheçam os fatores intervenientes no processo motivacional de seus atletas. Já que, entender o que leva um indivíduo a praticar determinada atividade esportiva e, ainda, compreender o que faz com que um sujeito esteja mais motivado do que outro corresponde a conhecimentos que devem fazer parte das bases e diretrizes do processo de treinamento, seja ele, de iniciação ou de alto rendimento.

Weinberg e Gould (2001) creditam aos pais e a família das crianças grande responsabilidade no direcionamento dos mesmos à atividade esportiva, no qual, as orientações aos objetivos das crianças são significativamente relacionadas àqueles adotados por seus pais, ou seja, muitas vezes, o pai tenta fazer do filho aquilo que ele sempre sonhou, mas, nunca conseguiu. Estes autores consideram que os pais podem desempenhar um papel altamente positivo e/ou altamente negativo na experiência esportiva das crianças. Porém, um grande desafio para as pessoas envolvidas com esportes juvenis (principalmente técnicos e dirigentes) é identificar as formas precisas com que os pais podem afetar positivamente a experiência das crianças e encorajá-los a empregarem essas práticas, e, por outro lado, identificar ações negativas e facilitar os esforços para eliminá-las.

Segundo Garrett (1983, apud MACHADO, 2006), as motivações variam desde os impulsos ou necessidades fisiológicas, que não são aprendidos, até os sistemas de ideias altamente organizados. Num extremo, ficam as tensões orgânicas contínuas que produzem reações basicamente inatas e não aprendidas. No outro extremo, estão as atitudes, os objetivos, os propósitos, as ambições e outros hábitos complexos que se expressam nas reações adquiridas pelo indivíduo na vida social. A motivação social pode ser assim, um poderoso determinante do comportamento no que diz respeito, às necessidades orgânicas.

Para Machado (2006) a motivação se torna um referencial importante para definir as decisões tomadas pelo ser humano. Por isso, todas as decisões terão no componente “motivação” uma aliada que comprometerá positivamente ou não o resultado da ação. Em análise mais extremista, a própria sobrevivência da espécie dependerá do grau de motivação estabelecido para tal.

A importância que deve ser dada ao processo motivacional, é enfatizada por Gouvêa (2000), que acredita que a motivação é um dos temas centrais relacionados aos assuntos humanos. Exemplos disso são: a política, onde se discute os desejos da sociedade, os pais preocupados com seus filhos, professores que se preocupam com os estudos de seus alunos, treinadores protestando sobre o compromisso dos jogadores, todos tem a ver com o nível de motivação. O papel da motivação na vida dos indivíduos tem uma importância muito grande, porém, apesar de ser um tema importante, a motivação ainda é um tema pobremente entendido no aspecto prático.

Segundo Roberts e Treasure (1995, apud GOUVÊA, 2000), a motivação refere-se aos fatores da personalidade, variáveis sociais, e/ou cognições que entram em jogo quando uma pessoa realiza uma tarefa para qual é avaliada; entra em competição com outros; ou tenta mostrar certo nível de domínio.

No início de carreira o atleta é impulsionado basicamente por motivos intrínsecos, já que geralmente treina sem receber salário e sem obter nenhum tipo de recompensa externa, compete por algum tempo também sem alcançar uma colocação expressiva. Porém à medida que esse atleta adquire mais experiência, consequentemente aparecem os resultados, inicia-se a obtenção de recompensas externas como: patrocínio, salário, medalhas etc. (GOUVÊA et al., 2009). Em grande parte dos casos, as recompensas se unem à motivação intrínseca, porém em alguns casos, essas recompensas acabam repercutindo negativamente no desempenho e carreira do indivíduo (FIGUEIREDO, 2000).

O estudo da motivação pode ter duas subdivisões: a) Razões pelas quais se escolhe uma atividade e não outra; b) Razões pelas quais se realiza ações com diferentes graus intensidades. O primeiro tópico trata de influência de motivos, valores e necessidades. O segundo trata de preparação, ativação e outras formas de estimulação com as quais o indivíduo apronta-se para agir. (CRATTY, 1983).

METODOLOGIA

Procurando atender nossos objetivos, utilizamos um questionário estruturado, composto por 19 questões fechadas, que indagavam os atletas em relação ao seu nível motivacional envolvendo aquelas questões. Tal nível foi medido por meio de uma escala Likert, no qual, 1 significava: nada importante; 2: pouco importante; 3: muito importante. Posteriormente, os dados foram tabulados, utilizando os procedimentos da pesquisa quantitativa, para que pudéssemos identificar os aspectos motivacionais que envolviam a prática esportiva destes atletas.

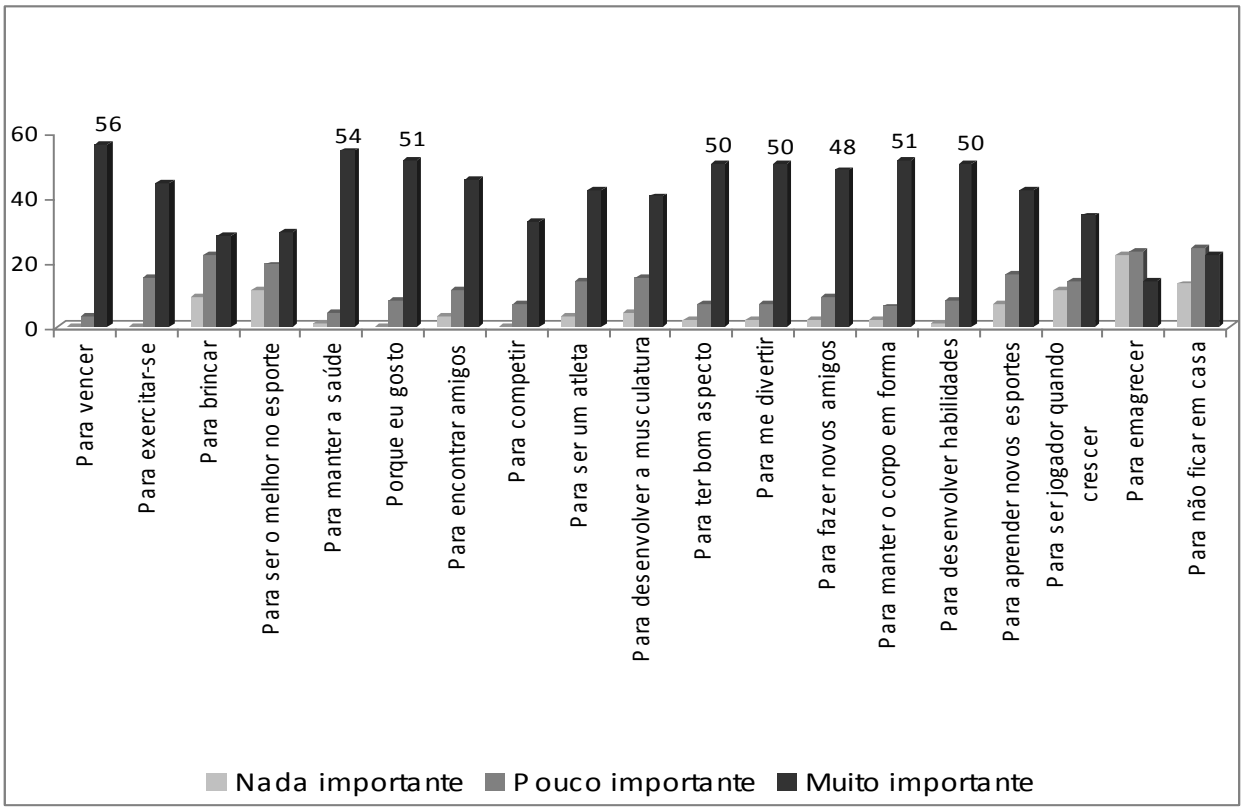
Foram investigados 59 atletas de ambos os sexos, entre os dias 30 de junho e 09 de agosto de 2009, sendo 28 do sexo masculino (idade média de 17,96 anos e tempo de prática de 8,5 anos) e 31 do sexo feminino (idade média de 18,54 anos e tempo de prática de 7,92 anos). Todos os atletas faziam parte das equipes de futebol de campo de Rio Claro, participantes dos Jogos Regionais de Atibaia.

Para maior compreensão dos resultados, optamos por expressá-los em número de ocorrências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisarmos os resultados constatamos que os atletas consideravam muito importantes e sentiam-se motivados: para vencer (56 ocorrências), para manter a saúde (54), por gostar (51), para manter o corpo em forma (51), para ter bom aspecto (50), para se divertir (50), para desenvolver habilidades e para fazer novos amigos (48) (Figura 1).

Figura 1. Aspectos motivacionais envolvidos na prática esportiva.



Para Gaya e Cardoso (1998), os motivos que nos levam a prática esportiva podem ser divididos em três categorias: competência desportiva; saúde e amizade e lazer.

Para estes mesmos autores, a competência leva em conta os motivos para vencer, ser o melhor no esporte, por gostar, para competir, se tornar um atleta, desenvolver habilidades, aprender novos

esportes e para ser jogador quando adulto. A saúde considera os motivos para exercitar-se, para a manutenção da saúde, o desenvolvimento da musculatura, a manutenção do corpo em forma e emagrecimento. Já, a amizade e lazer apontam os motivos para brincar, encontrar amigos, divertir-se, fazer novas amizades e não ficar em casa.

Para Paim (2001), o grau de importância que levam adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária de 12 a 17 anos, a praticar o futebol estão relacionados principalmente à competência desportiva (74,2 a 87% dos relatos), saúde (77,8 a 79,4%) e amizade e lazer (67,5% a 79%).

Ao analisarmos nossos resultados sob a ótica de Gaya e Cardoso (1998) verificamos que nossos atletas também parecem atribuir primeiramente sua motivação à competência desportiva, depois à saúde e por fim à amizade e lazer, o que também foi apontando por Paim (2001).

CONCLUSÕES

Os resultados encontrados neste estudo, bem como, uma visão mais apurada do fenômeno esportivo, nos levam a concluir que muitos jovens atletas, ainda em sua formação, vislumbram o sonho de um dia se tornarem profissionais de sucesso. Tais jovens são motivados pela chance de um dia fazer fama e dinheiro no futebol, conseguir títulos nacionais e internacionais, estarem em evidência na mídia e na sociedade.

Porém, muitas vezes, estes desejos são apenas sonhos distantes e de difícil alcance, o que acaba afugentando e desiludindo estes jovens atletas, que acabam abandonando precocemente suas atividades esportivas, fato que merece maiores e mais aprofundados estudos para a Ciência do Esporte.

Tal situação deve ser amparada pelo profissional que está trabalhando com estes jovens, seja ele o Técnico, o Professor de Educação Física, o Profissional do Esporte, o Dirigente, entre outros, junto a estes atletas e às suas famílias quando houver necessidade. A atuação destes profissionais deverá ser alicerçada na certeza de que o esporte tem muito mais a contribuir para com estes jovens do que somente lhes dando a chance de um dia se tornarem profissionais. Aspectos como a saúde física e psicológica, afiliação, estética, entre outros, devem fazer parte das ações de trabalho junto a estes indivíduos.

É importante que reconheçamos as múltiplas potencialidades de desenvolvimento que o esporte pode proporcionar e tenhamos ferramentas de trabalho e ação que desenvolvam tais potencialidades. Diante disto, vale salientar o valor da Psicologia Esportiva, mesmo em equipes iniciantes ou escolinhas de esporte, onde serão empregados esforços e técnicas específicas para garantir uma motivação adequada para a prática e continuidade da atividade esportiva. Sem estas ações continuaremos apenas com o discurso rasteiro de que o esporte é bom para nossas crianças.

REFERÊNCIAS

CRATTY, B. J. **Psicologia no esporte**. Rio de Janeiro: Prentice Hall, 1983.

CRUZ, J. F. Motivação para a prática e competição desportiva. In: CRUZ, J. F. **Manual de psicologia do desporto.** Braga: Lusografe, 1996.

DAMATTA, R. **Antropologia do óbvio**. Revista USP, São Paulo, n. 22, 1994.

FIGUEIREDO, S. H. Variáveis que interferem no desempenho do atleta de alto rendimento. In: RÚBIO, K. org. **Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 136-152.

GAYA, A.; CARDOSO, M. Os fatores motivacionais para a prática desportiva e suas relações com o sexo, idade e níveis de desempenho desportivo. **Revista Perfil**. Porto Alegre. Editora da UFRGS. Ano 2, nº 2, p. 40-52, 1998.

GOUVÊA, F. C. Motivação e autoeficácia no esporte e suas interferências no desempenho dos atletas. In: DOBRANSZKY, I. A.; MACHADO, A. A. **Delineamentos da psicologia do esporte:** evolução e aplicação. p. 19-32. Campinas: Tecnograf, 2000.

GOUVÊA, F. C.; PRESOTO, D.; MACHADO, A. A. Motivação no Esporte. In: BRANDÃO, M. R. F.; MACHADO, A. A. **Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício - Aspectos Psicológicos do Rendimento Esportivo (Volume 2).** Editora Atheneu, 2009. p. 65 – 81.

ISLER, G. L. **Atleta, como seus pais o motivaram para a prática esportiva? Análise das histórias de vida**. Dissertação de mestrado, UNESP: Rio Claro, 2003.

MACHADO, A. A. **Psicologia do Esporte Da Educação Física Escolar ao Esporte de Alto Nível**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

PAIM, M. C. C. Motivos que levam adolescentes a praticar o futebol. **Revista Digital.** Buenos Aires**.** Año 7. n 43. 2001. Disponível em: http://www.efdeportes.com/efd43/motivo1.htm. Acesso em 15 jul. 2009.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

[1] Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte – LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro. Bolsista CNPq/PIBIC

[2] Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte – LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro. Professor do Centro Universitário Anhanguera (UNIFIAN) - Leme.

[3] Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte – LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro. Coordenador das equipes de futsal do Departamento de Esportes e Cultura – São José do Rio Pardo. Professor Efetivo da Rede Estadual de Ensino. Coordenador Geral da Academia Conexão Saúde.

[4] Coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte – LEPESPE/I.B./UNESP – Rio Claro. Professor da UNESP – Rio Claro.
Endereço para contato: afonsoa@gmail.com